

Infância e educação: um olhar sobre as crianças nas pesquisas científicas

Mariana Parro Lima
mariparro@hotmail.com – UNICAMP

Resumo

Este artigo é um estudo exploratório que tem como principal objetivo refletir acerca das pesquisas sobre infância e educação publicadas no Brasil, no período de 2000 a 2009. Por muitos anos, a criança pequena foi abordada em estudos sob o aspecto de um período, uma etapa da vida, uma fase que antecede o adulto. É preciso fazer uma releitura desse olhar, repensar a maneira de enxergar a criança pequena para conseguir, de fato, compreender as diversas infâncias e suas necessidades. Para isso, realizou-se um levantamento da produção científica brasileira sobre infância e educação no *site* da Capes nesse período, priorizando aquelas que situam a criança como sujeito da pesquisa e que usam o olhar sociológico das interações infantis e da relação das crianças com a cultura. Utilizou-se, como base, referências da Sociologia da Infância, como Corsaro, Müller, Rosemberg, Faria e Quinteiro, os quais enfatizam a importância de uma discussão e reflexão sobre como se trabalhar com as crianças a fim de dar visibilidade aos seus sentimentos, falas, gestos e expressões. Considerando a escola como um lugar para se conhecer a infância foi possível perceber através desta pesquisa a importância de estudos que escutam as crianças, que proporcionam a elas o direito de participar do processo de ensino-aprendizagem, tornando a educação um acontecimento na vida de todos, professor e crianças.

Palavras-chave: Educação. Infância. Sociologia da infância.

Childhood and education: a look at the children in the scientific researchs

Abstract

This paper is an exploratory study that aims to reflect about research on childhood and education published in Brazil in the period of 2000 to 2009. To this end, we carry through a survey of the Brazilian scientific literature on childhood and education at the Capes Periódicos site, prioritizing those that point out the child as the subject of research, and that use the sociological look of children interactions and the relationship between children and culture. For many years, the child was covered in small studies in the guise of a period, a life stage, a stage that precedes the adult. It is necessary to do a remake of that look, rethinking the way we see the small child to achieve, in fact, understand the different childhoods and their needs. We have based the studies on references of the Sociology of Childhood, as Corsaro, Müller, Rosenberg, Faria and Quinteiro, which emphasize the importance of a discussion and reflection on how to work with children in order to give visibility to their feelings, speech, gestures and expressions. Considering the school as a place to know about childhood it was possible to see with this research the significance of listening to children, providing them the right to participate in the process of teaching and learning, making education an event in everyone's life, teacher and children.

Key words: Education. Childhood. Sociology of childhood.

Um olhar para a infância

Nos últimos anos, a infância passou a ser investigada em sua pluralidade pelas mais diversas áreas das ciências humanas e sociais. Passou-se a questionar a ideia da criança como potencialidade, promessa, um vir a ser, adulto futuro, já discutida por Rosemberg em 1976, ideia essa que deixa a criança em segundo plano, à espera de uma vida que virá, sem ter oportunidade de mostrar-se como é: pessoa integral, com sua singularidade e em formação, como qualquer outra pessoa, em suas diferentes idades.

A partir da nossa perspectiva pós-moderna, não existe algo como a criança ou a infância, um ser e um estado essencial esperando para ser descoberto, definido e entendido, de forma que possamos dizer a nós mesmos e aos outros “o que as crianças são e o que a infância é”. Em vez disso, há muitas crianças e muitas infâncias, cada uma construída por nossos “entendimentos da infância e do que as crianças são e devem ser” (DAHLBERG; MOSS, 2003).

O campo da sociologia da infância tem ocupado um espaço significativo no cenário internacional por propor o importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças atores sociais plenos. Para Corsaro, citado por Delgado e Muller (2005, p. 351), “a perspectiva sociológica deve considerar não só as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução, realizados pelas crianças”.

Quinteiro (2002) observa, em sua pesquisa, que os primeiros elementos para uma Sociologia da Infância, tanto em língua inglesa, quanto francesa, vão surgir em oposição à concepção de infância considerada como um simples objeto passivo de uma socialização orientada por instituições ou agentes sociais. Por um lado, afirma a pesquisadora, “a infância é um outro mundo” (p. 139), sobre o qual produzimos uma imagem mítica; por outro, não há este outro mundo, porque é no campo das relações sociais que a criança cresce e se constitui como sujeito. Por isso é que se pode afirmar que a participação das crianças no processo educativo não se limita aos aspectos exclusivamente psicológicos, mas sociais, econômicos, políticos e histórico.

No livro sobre metodologias de pesquisas com crianças, Faria (2005) fala da importância de dar visibilidade às crianças: suas falas, expressões, sentimentos, gostos, gestos. Saber o que e como a criança vê, sente, pensa a respeito desse mundo que já estava pronto quando ela chegou!

E qual é o olhar que temos colocado sobre essa criança, ou melhor, essas crianças? Como estamos tentando entendê-las? Quais as técnicas utilizadas para tornar visível o que elas estão nos falando? Quais as metodologias utilizadas para se entender essas várias crianças?

Este estudo exploratório propõe observar esta perspectiva a partir de um levantamento de pesquisas sobre infância e educação, encontradas no portal de periódicos da Capes, a fim de mapear as metodologias utilizadas para se falar de crianças e refletir sobre a importância de um olhar diferente por meio da Sociologia da Infância.

A criança e a pesquisa

Visando uma maior aproximação com o problema, foi feito um estudo exploratório a partir de artigos científicos brasileiros cadastrados no Banco de Dados do Periódicos CAPES, publicados no período de 2000 e 2009, utilizando como descritores de busca as palavras *infância* e *educação*. Segundo Gil (1999, p. 45) “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”. O caráter exploratório configura esta pesquisa, visto que se busca abordar um tema ainda pouco estudado na literatura, a fim de identificar que lugar ocupam as crianças nas pesquisas científicas.

Esta metodologia escolhida proporcionou uma visão ampliada sobre as pesquisas que envolvem crianças em ambientes escolares e, a partir do levantamento bibliográfico, decidir sobre as questões mais relevantes para a discussão. Foi selecionado, como base de dados, o *Scielo.org*. Com base no período de publicação e nos títulos, foram selecionados 30 artigos relacionados ao tema em discussão, que constituíram o *corpus*¹ definitivo analisado.

A criança como objeto da pesquisa

Por muitos anos, a criança pequena foi abordada em estudos sob o aspecto de um período, uma etapa da vida, uma fase que antecede o adulto. Neste espaço, falaremos de

¹ *Corpus* é o recorte arbitrário de elementos definido pelo pesquisador para que, ao aplicar sobre ele uma metodologia, possa atingir o objetivo da pesquisa.

modo mais amplo de pesquisas que falam de uma criança, figura genérica, falam sobre uma faixa etária. Essas pesquisas que colocam sobre as crianças um olhar reducionista, de uma criança dependente e isolada, um ser frágil e passivo, que precisa ser construído, moldado, humanizado.

Segundo Müller (2006, p. 554):

as crianças sempre existiram, independentemente das concepções que se tinham delas. O estudo histórico de Ariès¹ (1981) destacou que, durante parte da Idade Média, as crianças eram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia. Sabemos, também, que a idéia contemporânea de infância, como categoria social, emerge com a Modernidade e tem como principal berço a escola e a família.

Assim, pode-se dizer que a concepção de infância como categoria social é recente e, por isso, ainda é um tema que exige estudos mais apropriados que realmente permitam à criança seu lugar de protagonista. Ao debruçar sobre as ideias de Vygotsky, Pino (2005) aponta que “o desenvolvimento humano passa, necessariamente, pelo Outro; portanto, a história de cada uma das funções psíquicas é uma história social” (PINO, 2005, p.66).

E, como mencionou Quinteiro (2000, p. 5), ainda que tenha sido proclamada há 40 anos a Declaração dos Direitos da Criança pela Assembleia Geral das Nações Unidas e a 10 anos da aprovação da Convenção dos Direitos da Criança e, especificamente no caso brasileiro, da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, a situação da criança não é animadora sob nenhum aspecto.

Ciclos. Etapas. Momentos. Fases. Níveis. Estágios. Períodos. Idades. Estes substantivos, apesar das diferenças que guardam entre si, contêm e auxiliam na construção da ideia vida segmentada, aspecto que consiste em um ponto de articulação comum entre eles. Remetem e reforçam a tese de que é possível, valendo-se de recursos variados, reconhecer aspectos comuns nas diferentes partes da cronologia da vida. É, portanto, no interior dessa crença que a infância vem sendo formulada e reproduzida, acoplando-se a ela a criação e reordenação de instituições que passaram a ser estreitamente vinculadas à etapa “mais tenra da vida”, como diria Fénelon, no final do século XVII (GONDRA; GARCIA, 2004, p. 69).

Pesquisas que utilizam a Infância como objeto de pesquisa, um lugar para se discutir algumas situações, ideias e pensamentos que não têm como foco a própria criança, mas, sim, o que consideramos que são essas crianças para a sociedade e como

acreditamos que elas poderiam ter um melhor futuro, não nos permite conhecer nossas infâncias e nem possibilitam a essas pequenas vozes serem ouvidas. Porque as crianças estão por aí, em todas as partes, falando, ensinando, criando e recriando, contando histórias de suas vidas e adicionando a essas histórias novos sentidos.

Como podemos entender a criança se só olhamos para a mesma com distanciamento? É preciso fazer uma releitura desse olhar, repensar a maneira de enxergar a criança pequena para conseguir, de fato, compreender as diversas infâncias e suas necessidades.

Esse artigo propõe tirar um pouco a criança pequena desse lugar coletivo, generalista e tentar um olhar integral da criança, trazendo à tona a questão, já indagada anteriormente por outros autores, porém ainda pouco explorada, de como podemos conhecer nossas infâncias além de suas formas, matérias, mas entre seus pensamentos, vontades, criatividade.

A criança como foco da pesquisa

Nesta categoria, listamos, no Quadro 1, os artigos que trazem a problemática sobre infâncias, culturas infantis, criança pequena, abrindo um diálogo sobre a importância de rever o espaço que estamos dando para as crianças em nossa sociedade.

Quadro 1 – Pesquisas que falam para crianças

	Título	Autor (es)	Ano de Publicação
1	Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas.	Veiga, C.G.; Gouvea, M.C.S.	2000
2	A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX.	Gondra, J.G.	2000
3	Notas em torno de retratos de criança	Fernandes, R.	2000
4	Da criança-cidadã ao fim da infância	Brayner, F.	2001
5	Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância.	Arce, A.	2002
6	Infância, exclusão social e educação como utopia realizável.	Sarmento, M.J.	2002
7	Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção.	Pereira, R.M.R.	2002
8	O aluno e a infância: a propósito do pedagógico.	Masschelein, J.	2003
9	Educação escolar e higienização da infância.	Rocha, H.H.P.	2003
10	Infância e educação em Platão.	Kohan, W.O.	2003
11	A arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância.	Gondra, J.; Garcia, I.	2004
12	Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII	Chalmel, L.	2004
13	As mulheres professoras, as meninas leitoras e o menino leitor: a iniciação no universo da escrita no patriarcalismo	Guedes-Pinto, A.L.; Fontana, R.A.C.	2004

	rural brasileiro. Uma leitura a partir de Infância de Graciliano Ramos.		
14	Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica.	Faria, A.L.G. de	2005
15	Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos.	Salles, L.M.F.	2005
16	As práticas educativas parentais e a experiência das crianças	Montandon, C.	2005
17	Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado de arte.	Faria, A.L.G. de	2006
18	Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar.	Souza, E.R. de	2006
19	Sobre brinquedos e infância: aspectos da experiência e da cultura do brincar.	Almeida, D.B.L. de	2006
20	Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas.	Barbosa, M.C.S.	2007
21	Educação da infância: estar junto sem ser igual. Conflitos e alternativas da relação da educação infantil com o ensino fundamental.	Souza, G. de	2008
22	Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação.	Lopente, L.G.	2008
23	Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado.	Ceccim, R.B.; Palombini, A.de L.	2009
24	Desafios da Sociologia da Infância: uma área emergente.	Silva, C.F. da; Raitz, T.R.; Ferreira, V.S.	2009

O mito da infância inocente vem se rompendo. Isso é evidenciado quando as crianças demonstram conhecimentos mais elaborados do que os dos próprios adultos, no que se refere às informações veiculadas nos programas televisivos e até no tipo de vocabulário empregado em certas situações. Steinberg, citado por Müller, explica que as "noções tradicionais da infância como um tempo de inocência e de dependência dos adultos são abaladas pelo acesso infantil à cultura popular". Assim, passamos a observar a criança e suas criações, a ideia de sociedade e como essas representam e fazem parte da cultura que a cerca (MULLER, 2006, p.559).

Falar sobre infâncias, ou da importância em se falar sobre as diferentes infâncias, não é algo recente. Algumas pesquisas que discutem o tema trazem textos datados da década de 1970 (ROSEMBERG, 1976; FERNANDES, 1979; CHAMBOREDON; PREVOT, 1986). Nota-se que, desde então, ocorre um processo de repensar as crianças pequenas e também a infância.

Veiga e Gouvea (2000)², discutem os múltiplos processos de formação da identidade do brasileiro, problematizando os diferentes saberes dos campos antropológico, médico, jurídico, pedagógico e psicológico sobre a criança e seu papel na

² Artigo 1 do quadro 1

sociedade. Estudando as comemorações da criança em Belo Horizonte, os autores mostram e discutem em seus relatos que, ainda hoje, é possível observar a presença de um ideal racial europeizado que marca pela exclusão a vivência de parte das crianças brasileiras. Em um Brasil de tantas caras, tantas idades, como podemos utilizar como espelho culturas tão distintas da nossa? Diante dessa miscigenação que fez surgir o Brasil, com povos tão diferentes, de lugares tão distintos, faz-se necessário romper com esses ideais europeus e ir à busca de uma identidade própria, brasileira. Conhecer nossas crianças pode ajudar nessa busca, ao reconhecer nossos traços e contornos através de suas falas e aprender uma nova história que por elas está sendo contada.

Outros artigos relatam as diferentes imagens e concepções de infância durante os vários períodos da história (FERNANDES, 2000; ROCHA, 2003; KOHAN, 2003; GONDRA; GARCIA, 2004; CHALMEL, 2004)³ a fim de problematizar a infância nos tempos modernos e seu papel na sociedade atual.

Essa problemática da infância nos tempos contemporâneos está exposta no artigo de Salles (2005)⁴, que problematiza o conceito de geração, defendendo que, hoje, há uma nova forma de reconhecimento social dessas fases da vida (infância e adolescência), que enfatiza um tratamento igualitário entre adulto, criança e adolescente. Este artigo destaca, ainda, que, mesmo que as concepções anteriores de crianças e adolescentes não possam ser descartadas porque continuam respondendo a questões presentes nessa área de estudo, é necessário problematizá-las, já que essas concepções não permitem mais captar toda a complexidade do significado da infância e da adolescência.

Pode-se dizer que a psicologia conduziu a descoberta da primeira infância ao convencer-se da importância deste período para a constituição da personalidade e para a formação da inteligência. [...] Um dos principais efeitos deste movimento é transformar a definição social da infância, fazendo recuar para a mais tenra idade o “bebê”, como objeto de cuidados fisiológicos e afetivos, e fazendo começar muito mais cedo a primeira infância como período que reclama, também, cuidados culturais e psicológicos. Essas transformações supõem condições sociais e culturais determinadas (CHAMBOREDON; PRÉVOT, 1986, p.42).

³ Artigos 3, 9, 10, 2, 11 e 12, respectivamente, do quadro 1

⁴ Artigo 15 do quadro 1

Posto que o tempo da infância é o aqui e o agora, a identidade dessa criança de hoje se constrói nas relações consigo mesma, com as outras crianças e com adultos, em um meio social específico, o que exige um mergulho nesse contexto para compreender essas Infâncias.

Ao pensar na escola como esse meio social, de ricas interações entre adulto e criança, vem à tona a importância de se refletir sobre a educação e seus métodos de ensino. Ainda existem muitos desafios para uma educação de qualidade e, para isso, observar a criança, suas criações e interações pode se tornar um objeto crucial nesse processo de melhoria escolar.

Ao contar a história sobre uma mãe ensinando sua filha a escrever, Froebel, citado por Arce (2002)⁵ procura apresentar o comportamento e a atitude dessa filha como um exemplo do tipo de criança que ele desejava formar (desenvolver) naquela instituição. *Lina é independente, autodidata, curiosa, ativa, alegre, meiga e livre. Este fato se deve ao respeito por sua individualidade e à busca de uma educação que acompanhe o desenvolvimento infantil.* É notável a autonomia da criança em sua educação, defendida por Froebel. Como aponta Arce:

o primeiro passo para que este processo se inicie deve sempre ser dado pela criança. Ao adulto cabe apenas satisfazer ou incentivar a sua curiosidade natural. Por isso, um dos mais importantes princípios da pedagogia froebeliana é o da auto-atividade livre. A criança precisa ter uma mente ativa e livre para poder abrir as portas do conhecimento. Ela deve ser livre para explorar, escolher, questionar e agir. A aprendizagem deve sempre partir daquilo que a criança já conhece. Ouvir o conhecimento da criança é o principal requisito para o sucesso da educação (ARCE, 2002, p. 114).

Isso traz a reflexão sobre que educação pode ser encontrada hoje nas escolas de educação infantil. Será que permitimos às nossas crianças essa liberdade para poderem explorar, escolher, questionar? Será que estamos ouvindo o conhecimento que essas meninas e esses meninos trazem todos os dias para as escolas, para a família, para as ruas?

Ao relatar a trajetória da construção de uma Pedagogia da Infância, Faria (2005)⁶ mostra as articulações entre política, pesquisa e prática pedagógica no Brasil. A autora pontua momentos de transformação na política de uma educação para infância, desde as

⁵ Artigo 5 do quadro 1

⁶ Artigo 14 do quadro 1

manifestações feministas em 1970, até a nova Constituição de 1988, no interior da LDB de 1996. Na esperança de novas diretrizes para a educação das crianças de 0 a 3 anos, finaliza seu artigo com o parágrafo:

Com estudos, pesquisas e o melhor conhecimento das crianças desde seu nascimento, os adultos profissionais que com elas atuam estarão aptos a estabelecer condições para que as roupas não colem à pele e saberão, cada vez mais, dos desejos e das necessidades infantis e que muitas crianças, como disse Alice: não querem ser contratadas e não gostam de geleia (FARIA, 2005, p. 1032).

Para refletir sobre a escolarização das crianças brasileiras contemporâneas, “é preciso compreender as dimensões do ser criança e viver a infância neste momento histórico e neste país; conhecer as novas estruturas familiares e suas culturas que estão sendo cotidianamente vividas e praticadas pelas crianças” (BARBOSA, 2007, p. 1062)⁷. Barbosa (2007) cita ainda a importância em repensar os conhecimentos que são trabalhados na escola e do papel da cultura para as relações pessoais construídas nesse meio social.

Trazendo como foco a prática docente com crianças, Silva, Raitz e Ferreira (2009)⁸ discutem os desafios da Sociologia da Infância na contemporaneidade, refletindo sobre um novo olhar que aborde as crianças também como atores sociais e as especificidades da docência de zero a seis anos. Os autores apresentam dados de duas pesquisas recentes sobre essa temática, dados esses que mostram que os saberes docentes são constituídos para e pela docência. Considerou-se pertinente, ainda, a busca pelas especificidades do docente da educação infantil, levando em conta que as investigações neste campo ainda são incipientes, sobretudo na faixa etária de 0 a 3 anos.

Assim como a imagem de criança e de infância vem passando por uma série de mudanças, também a sociedade atual vem se transformando, permitindo uma nova forma de olhar para os mais diversos cidadãos e cidadãs, como a criança, a mulher, o negro, o idoso, o branco, o pobre, entre outros, e discutir uma sociedade heterogênea em que todos, de forma equânime, possam ser integrantes participantes e respeitados nas suas diversidades. A escola é um lugar de interação social, que também se constrói com a cultura de um tempo e espaço específico. Assim, ao pensar nessas mudanças, estaremos também repensando nossas escolas e propostas pedagógicas.

⁷ Artigo 20 do quadro 1

⁸ Artigo 24 do quadro 1

Montandon (2005)⁹ ressalta a importância de estudar a experiência das crianças e seus pontos de vista para podermos compreender os diferentes fenômenos sociais que lhes dizem respeito. Trazendo diversos exemplos no campo da educação de crianças, a autora argumenta,

não basta examinar as práticas educativas de seus educadores, mas que é necessário compreender as perspectivas das crianças ou, dito de modo mais simples, que importa analisar não apenas o que os educadores fazem com as crianças, como também o que estas fazem com o que se faz com elas (p.485).

A partir dos artigos relacionados nessa categoria, percebe-se a importância das *pesquisas que falam para as crianças*, contextualizando-as e integrando-as aos meios social, cultural, econômico e histórico, preocupadas em fazer uma reflexão que faça com que a sociedade possa observar a criança como atual e presente. Ainda há um longo caminho para seguir. Porém, através dessas novas pesquisas, que trazem as crianças como foco do estudo, já estão surgindo os primeiros passos deste percurso.

A criança como atora na pesquisa

Compreendendo a importância de dar visibilidade à infância, nessa categoria, encontram-se os artigos que se propõem a ouvir as crianças, para conhecer, entender e valorizar a atuação social infantil, os quais estão descritos no Quadro 2.

Quadro 2 – Pesquisas que falam com crianças

	Título	Autor	Ano de Publicação
25	A infância na pobreza urbana: linguagem oral e a escrita da história pelas crianças.	Sawaya, S.M.	2001
26	Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão.	Pereira, R.M.R.; Salgado, R.G.; Souza, S.J.	2005
27	Educadoras da infância pesquisando e refletindo sobre a própria prática em matemática.	Grando, R.C.; Nacarato, A.M.	2007
28	Movimentos sociais e experiência geracional: a vivência da infância no Movimento dos Trabalhadores sem Terra.	Correia, L.O.; Giovanetti, M.A.G.C.; Gouvea, M.C.	2007
29	Arte de governar a infância: linguagem e naturalização da criança na abordagem de educação infantil da Reggio Emilia.	Bujes, M.I.E.	2008
30	Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea.	Pereira, R.M.R.; Salgado, R.G.; Souza, S.J.	2009

⁹ Artigo 16 do quadro 1

Como descrito, encontramos apenas 6 artigos que contemplam a criança como participante na pesquisa. Talvez isso ocorra pelo desafio que é entrar em contato com os meninos e meninas, ou, por outro lado, pela falta de valorização da pequena infância.

Certamente, um desafio também percebido e declarado por Corsaro (2005), ao relatar sua pesquisa com crianças de pré-escola nos Estados Unidos da América e na Itália:

Como Tom Rizzo, Jack Bates e eu argumentamos que a entrada no campo é crucial na etnografia, uma vez que um de seus objetivos centrais como método interpretativo é estabelecer o status de membro e uma perspectiva ou ponto de vista de dentro (Rizzo et al., 1992). A aceitação no mundo das crianças é particularmente desafiadora por causa das diferenças óbvias entre adultos e crianças em termos de maturidade comunicativa e cognitiva, poder (tanto real como percebido) e tamanho físico (CORSARO, 2005, p. 444).

Em seu artigo intitulado *A pesquisa com crianças em infâncias e a Sociologia da Infância*, Abramowicz (2011) traz algumas respostas para essa dificuldade de compreender a criança “o olhar de uma criança nos remete a duas coisas extremamente complexas: o tempo e a infância” (ABRAMOWICZ, 2011, p.18).

O tempo da criança é o tempo presente, tomando o conceito de Agamben, citado por Abramowicz (2011), a criança é contemporânea.

A criança está no entre: o igual e o diferente, naquilo que continua e se diferencia, na fratura. Já a infância, ora é uma estrutura universal, constante e característica de todas as sociedades, ora é um conceito geracional, uma variável sociológica, que se articula à diversidade de vida das crianças considerando a classe social, o gênero e pertencimento étnico, ou seja, ora a infância é singular, ora é plural (ABRAMOWICZ, 2011, p. 18).

Quando levamos em consideração que a criança é parte integrante de uma sociedade, ou seja, de que tudo que a cerca a influencia e por ela também é influenciado, podemos notar a complexidade de se compreender as mais diferentes infâncias. Infância do norte, do sul. Infâncias do oriente, do ocidente. Infância católica, judia, ateia. Infâncias de negro e de branco, de pobre e de rico. São muitos os espaços e tempos que abrigam a criança e, para entender o olhar destas, é preciso ouvi-las, interagir com suas ideias, criações e aprender suas linguagens.

Mauss, já em 1931, faz menção ao lugar das pesquisas com crianças, que muitas vezes tomava como referência – o que ainda acontece em diversas pesquisas feitas sobre a criança pequena – a concepção de criança de Piaget, que consiste na análise de um pequeno grupo de crianças, em particular as crianças de língua francesa. Assim,

entendia ele que “todo estudo de psicologia da criança é, em algum grau, um estudo sociológico, mas a ele é preciso adicionar um estudo mais especificamente sociológico dos meios infantis, enquanto meios, propriamente” (MAUSS, 2010, p. 241).

A partir dessa reflexão de Marcel Mauss, passamos a entender, então, a importância de pesquisas que falem com as crianças brasileiras, a fim de compreender como se dão essas infâncias e de que forma elas se veem no mundo que as cerca.

A criança sempre foi e continua sendo uma caixinha de surpresas! Quanto mais crescemos, mais nos afastamos da criança que existe em nós e das muitas outras que nos rodeiam. É como se colocássemos uma barreira, dividindo o mundo em dois: o mundo dos adultos e o mundo das crianças. O que pode ser percebido, cada vez mais, com essas pesquisas que dão voz as crianças tentando compreender suas várias “linguagens”, é que a criança se vê e se coloca perante o meio social em que vive. Ela se percebe integrante da família, da escola, da rua e, assim, através das brincadeiras, transmite sua cultura e faz ainda uma “releitura” do que lhe é passado nesses meios sociais, recriando saberes e inventando formas de se conviver em grupo.

Grando e Nacarato (2007)¹⁰ falam sobre a educação infantil a partir da prática de professoras de matemática, a fim de discutir a formação continuada e currículo de matemática na Educação Infantil. O registro de diferentes formas de linguagem das crianças, como desenhos e imagens gravadas, foi valorizado como instrumento de reflexão e avaliação para o professor e para os alunos, como estratégia de comunicação de ideia e de reflexão sobre a atividade desenvolvida. Isso trouxe um olhar para a criança, valorizando-a e permitindo que essa fizesse parte desse processo pedagógico.

Observando a vida de crianças de um acampamento do Movimento Sem Terra, Correia et al (2007)¹¹ estabelecem como proposta dar visibilidade ao que essas crianças observam do seu dia a dia e verificam que as crianças, com suas brincadeiras, buscavam interpretar sua experiência coletiva, através da cultura infantil. Para tal, recorreu-se à observação participante do cotidiano infantil, por meio do acompanhamento de um grupo de sociabilidade, constituído por crianças de idades variadas, e depoimentos dados por elas. Os autores notam, ainda, que, ao mesmo tempo, essas crianças buscavam estabelecer relações com outros universos sociais, tais como a escola, de maneira a construir novos espaços de sociabilidade.

¹⁰ Artigo 27 do quadro 2

¹¹ Artigo 28 do quadro 2

Ao conviver com crianças de um bairro da periferia de São Paulo, Sawaya (2001)¹² nota que “as crianças, em suas falas, não se limitam a reproduzir os sentidos dados pela realidade imediata ou pelo dito dos outros, mas se utilizam da palavra como possibilidade de construir outros universos de sentido para além do da família, da escola e do bairro. Ela aponta, ainda, que “[...] estamos, portanto, diante de formas discursivas, que mantêm uma identidade clara com as tradições orais que se perpetuam através das crianças nesse bairro” (SAWAYA, 2001, p. 178). A autora mostra que a memória e as histórias do bairro permanecem vivas na boca das crianças através de múltiplos sentidos por elas agregados.

Pereira, Salgado e Souza são responsáveis por dois artigos listados no Quadro 2. No primeiro, 2005¹³, as autoras utilizam, como fundamento teórico-metodológico, a teoria de Mikhail Bakhtin, especialmente a relação dialógica e alteritária¹⁴ do adulto com a criança, além de ter como eixo de análise a brincadeira, com o intuito de oferecer subsídios para projetos educacionais voltados à formação de leitores críticos dos meios de comunicação de massa, especialmente no que diz respeito aos produtos de televisão para o público infantil. Com a ajuda de uma câmara e vídeo, aventuram-se, pesquisadoras, professoras e crianças, nos segredos dessa linguagem técnica: gravando, editando, exibindo, comentando as próprias produções. Já no segundo artigo, 2009¹⁵, também baseadas na teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin, procuram analisar o ato de pesquisar com crianças e elaborar uma perspectiva crítica da produção da subjetividade na relação entre adultos e crianças na contemporaneidade. Usam, em suas abordagens, o dialogismo e a alteridade, para a ampliação do debate sobre a relação entre adultos e crianças em face dos desafios da cultura do consumo e da sociedade da informação, considerada uma alternativa metodológica promissora na busca de soluções coletivas para as questões que se colocam no campo educacional no mundo de hoje.

Fechando a discussão sobre as pesquisas com criança, trago o artigo de Bujes (2008)¹⁶, que faz uma análise da abordagem da Reggio Emilia, cidade do nordeste da Itália, para a Educação Infantil. Aclamada como um dos melhores sistemas de educação do mundo, esta abordagem é analisada pela autora por meio de textos de experiências

¹² Artigo 25 do quadro 2

¹³ Artigo 26 do quadro 2

¹⁴ A palavra alteridade significa colocar-se no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e dialogar com o outro.

¹⁵ Artigo 30 do quadro 2

¹⁶ Artigo 29 do quadro 2

que se dedicam a encontrar “outros moldes”, “novas perspectivas”, “formas criativas” para se pensar a educação de crianças pequenas.

Os artigos aqui apresentados nos mostram caminhos de como fazer pesquisa com crianças: através da observação e/ou interação em suas brincadeiras e jogos, registrando suas falas e gestos. Registros escritos, desenhos, vídeos, diversos instrumentos que, quando utilizados junto às crianças, acabam por nos revelar as concepções de infância que estão sendo construídas atualmente.

É importante salientar aqui a necessidade de falar com as crianças pequenas. Só assim será possível compreender o papel dessa “menor idade” para a sociedade, ou melhor, como parte da sociedade. Não mais podemos cerrar nossos olhos para as pessoas pequenas sem incluí-las na participação ativa da nossa cultura. Nas palavras de Vygotsky, citado em PINO (2005, p. 66), “o indivíduo torna-se para si o que ele é em si pelo que ele manifesta aos outros”. Assim, em meio às relações sociais é que é possível construir o significado de cultura.

Como disseram Ana Lúcia Goulart de Faria e Daniela Finco (2011, p. 6) na apresentação do livro *Sociologia da Infância no Brasil*:

Ao “olhar de ponta-cabeça” e “escrever ao contrário”, exercemos e treinamos nossa capacidade de identificar e habitar as brechas dos discursos dominantes, aprendendo com as crianças. Assim, olhamos de ponta-cabeça e escrevemos ao contrário quando procuramos ouvir e registrar as vozes de meninas e meninos, mesmo as/os pequenas/os, e compreendê-los como sujeitos que questionam os valores do mundo adulto, e que constroem relações a partir de seus próprios interesses, desejos, valores e regras.

Com a vez, as crianças escolares

Difícil imaginar que uma criança do século XXI se interessaria por um universo pronto, por lições que, no máximo, a fariam pensar em ir embora mais depressa. Para Sarmento (2003), as crianças exprimem a cultura social em que se inserem, mas o fazem de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo em que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.

O diálogo com os pequenos é de grande importância para os professores. Em pequenos ou grandes grupos, na roda ou em carteiras, na rua e em corredores da escola, o pensar infantil é o que deve encantar, fazer rir, pensar, criar e acreditar em possibilidades outras de ensino, onde a opinião deles possa ser respeitada.

Em meio a essas conversas, nota-se que as crianças falam todas juntas, gritam e, muitas vezes, não escutam umas às outras. Todas tem urgência em falar, o tempo dado na roda é curto, o tempo de escuta na carteira ou corredor é inexistente para tanta vida dentro de uma criança.

O docente tem responsabilidade na maneira que educa e alfabetiza as crianças, no comportamento delas no futuro, nas respostas que darão à sociedade; hoje elas já surpreendem com um repertório completamente diferente do que tínhamos quando éramos da idade delas. Não se trata de avaliar o professor e sua formação, mesmo por que, no Brasil, há muito que se debater sobre a formação dos novos profissionais de educação que estão chegando às escolas. O dado é que alguns professores conseguem ir além do currículo estabelecido, conseguem tornar a escola um lugar prazeroso e tornar a aula um acontecimento.

A formação passa a ser entendida numa perspectiva mais alargada: um professor com experiências mais variadas, plural, terá, também, maior possibilidade de oferecer/favorecer experiências diversas às crianças com as quais convive (QUINTEIRO; CARVALHO, 2007, p. 13).

A construção desse currículo é feita cotidianamente, com a participação de todos os envolvidos no processo; não é cópia ou livro didático; o currículo é vivo a partir de experiências vivenciadas pelos alunos, a história da sua vida, da vida dos seus amigos, seus brinquedos, brincadeiras, programas preferidos na TV. Perceber o mundo que rodeia essas crianças em casa, na escola, na rua, uma vez que a vida ultrapassa os muros escolares.

Quem é essa criança de hoje, muito diferente da criança que fomos, com um histórico de vida sociocultural marcado por grandes embates sociopolíticos, etnia, moradia, terras, classe social, gênero e o que aprendeu de tudo o que vivenciou, e que se apropriou disso tudo e trouxe para dentro da escola.

A atenção dada ao que cada aluno fala, o ouvido atento, pode levar muitas vezes os professores a repensarem o planejamento de aula e, a partir da conversa inicial, replanejarem o já preparado.

Corsaro (2011) chama essa escuta, essa conversa, de “o conceito de reprodução interpretativa”. Este conceito incorpora a ideia de que as crianças contribuem ativamente para a preservação, assim como para a mudança social. Fundamental, para essa visão, é a apreciação da importância do coletivo: como as crianças negociam,

compartilham e criam cultura com os adultos e com seus pares. O autor explica que o termo reprodução captura a ideia de que as crianças não estão simplesmente internalizando a sociedade e a cultura; pelo contrário, estão ativamente contribuindo para a produção e a mudança cultural. Por outro lado, reprodução também implica que crianças são, também, a partir da participação na sociedade, constrangidas pela estrutura social.

O termo “interpretativa” captura os aspectos inovadores e criativos da participação da criança na sociedade. Corsaro (2011) entende as crianças como responsáveis por suas infâncias e, logo, têm uma participação social bilateral: afetam e são afetadas pela sociedade.

Quinteiro e Carvalho (2007) atribui um olhar pedagógico para o envolvimento das crianças nas atividades propostas:

Sob a dimensão pedagógica da participação, a criança deixa de ser simplesmente destinatária do conhecimento, já que é a participação que possibilita dar significação à sua aprendizagem. A partir daí, dão-se todos os desdobramentos das culturas da infância – compostas por formas diferentes, processos diversos de construção de significados, por meios variados de utilização da linguagem, no sentido alargado da cultura. (QUINTEIRO; CARVALHO, 2007, p. 36).

O desafio continua...

Com as novas concepções de infância, trazidas com a pós-modernidade, faz-se necessário, cada vez mais, estar perto e olhar para a pequena infância com cuidado, com respeito. Ao levar em consideração a escola como um lugar para se conhecer a infância, é preciso entender que a relação adulto-criança não deve ser de autoridade, mas, sim, de empatia, compartilhamento, troca.

Pretende-se pensar, aqui, sobre como falar de crianças sem ao menos conhecê-las? Ou melhor, sem dar espaço para ouvi-las? E como deixar ouvir as vozes dessas crianças? Como podemos trabalhar e pesquisar com as crianças e “não sobre crianças”?

Trabalhar com a proposta de escutar, conversar e respeitar a criança proporciona a ela o direito de participar do processo de ensino-aprendizagem, tornando a aula um acontecimento na vida de todos, professor e alunos, e trazendo, para dentro da escola, a participação da comunidade. Isso pode nos mostrar que a criança sabe o que quer e que a mesma não quer ser apenas coadjuvante nesse processo escolar.

Alguns autores já estão fazendo isso, como mostrado nesse artigo. Mas é preciso que autores de diferentes áreas do conhecimento, que estudam a criança, também tenham esse olhar e, em um trabalho multidisciplinar, possamos *viver o brinquedo* e, assim, compreender melhor essas infâncias.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete. *A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância*. Sociologia da infância no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- ARCE, Alessandra. Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 107-120. Aug. 2002.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educação e Sociedade* [online], v. 28, n.100, p. 1059-1083, 2007.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Artes de governar a infância: linguagem e naturalização da criança na abordagem de Educação Infantil da Reggio Emilia. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 48, p. 101-123, 2008.
- CHALMEL, Loic. Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 57-74, abril/2004.
- CHAMBOREDON, J.; PREVOT, Jean. O “ofício de criança”: definição social da primeira infância e funções diferenciadas da escola materna. *Cadernos de pesquisa*, SP: vol. 59, p. 32-56, 1986.
- CORREIA, Luciana Oliveira; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes Castro; GOUVEA, Maria Cristina Soares. Movimentos sociais e experiência geracional: a vivência da infância no Movimento dos Trabalhadores sem Terra. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p. 143-166. Dec. 2007.
- CORSARO, Willian A. *A sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2. ed, 2011.
- _____. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, mai./ago. 2005

- DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. *Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- DELGADO, A.N.C.; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n.19, p. 351-360, mai./ago. 2005.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1013-1038, Oct. 2005.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de.; FINCO, Daniela. (Org.). *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2. ed. reduzida. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERNANDES, Rogério. Notas em torno de retratos de criança. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.26, n.1, p.87-97, jan./jun. 2000.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONDRA, José; GARCIA, Inára. A arte de endurecer "miolos moles e cérebros brandos": a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 101-123. ago. 2004.
- GRANDO, Regina Célia; NACARATO, Adair Mendes. Educadoras da infância pesquisando e refletindo sobre a própria prática em matemática. *Educação em Revista* [online]. 2007, n.30, p. 211-234.
- KOHAN, Walter Omar. Infância e educação em Platão. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 11-26. June 2003.
- MAUSS, Marcel. Três observações sobre a sociologia da infância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n.3 (63), p.237-244, set./dez. 2010.
- MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507. Aug. 2005.
- MULLER, Fernanda. Infância nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. *Educação e Sociedade*, n. 95, p.553-573, 2006.
- PEREIRA, Rita M.R; SALGADO, Raquel G; SOUZA, Solange J. e. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 25, n. 65, p. 9-24, jan./abr. 2005

- _____. Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea. *Caderno Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 138, p. 1019-1035. dez. 2009.
- PINO, Angel. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.
- QUINTEIRO, Jucirema. *Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos*. Tese (Doutorado em Educação), UNICAMP. Campinas, 2000.
- _____. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n.esp., p. 137-162, jul./dez. 2002b.
- _____. CARVALHO, Diana Carvalho de. (Org.). *Participar, Brincar e Aprender: exercitando os direitos da criança na escola*. Araraquara. São Paulo: J.M Editora e Comercial LTDA/Junqueira & Martins Editores/CAPES, 2007.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Educação escolar e higienização da infância. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56. abr. 2003.
- ROSEMBERG, Fulvia. Educação para quem? *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 28, n. 12, p. 1466-1471, 1976.
- SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 33-41. mar. 2005.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas infantis. *Caderno de Educação Fae/UFPel*, Pelotas (21):51-59, jul./dez. 2003.
- SAWAYA, Sandra Maria. A infância na pobreza urbana: linguagem oral e a escrita da história pelas crianças. *Psicologia USP[on line]*, v.12, n. 1, p. 153-178. São Paulo, 2001.
- SILVA, Cleber F. da; RAITZ, Tânia R.; FERREIRA, Valéria S. Desafios da sociologia da infância: uma área emergente. *Psicologia e Sociedade*, v.21 n.1. p. 75-80, 2009.
- VEIGA, Cynthia Greive; GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 135-160. jan. 2000.

Submissão em 18/12/2012